

DAS AMAZONAS ÀS MULHERES DA ETNIA INDÍGENA VENEZUELA WARAO: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM FEMININA DA E NA AMAZÔNIA

Rosa Patrícia Viana Pinto Farias
Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia - UFAM
E-mail: rosa.patricia.farias@gmail.com

Artemis de Araújo Soares
Doutora em Ciências do Desporto – UNIVERSIDADE DO PORTO
E-mail: artemissoares@gmail.com

RESUMO

Este artigo aborda a construção da imagem do gênero feminino da e na Amazônia, desde as primeiras descrições sobre a mulher amazônida entre os séculos XVI e XIX, destacando também as mulheres trabalhadoras da Zona Franca de Manaus, no século XX e as mulheres da etnia indígena venezuelana Warao, que hoje vivem, trabalham e lutam para sobreviver em Manaus.

Palavras-chaves: Mulheres; Imagem; Amazônia.

ABSTRACT

This article discusses the construction of the female gender in and in the Amazon, from the first descriptions of the Amazonian woman between the 16th and 19th centuries, also highlighting the working women of the Manaus Free Trade Zone in the 20th century and the women of the Venezuelan indigenous Warao ethnic group, who today live, work and struggle to survive in Manaus.

Keywords: Women; Image; Amazon.

1 INTRODUÇÃO

As disputas políticas, econômicas e territoriais envolvendo as maiores potências marítimas dos séculos XV e XVI - Portugal e Espanha - motivaram, entre outros acontecimentos, a invasão e a dominação da Amazônia. A pena que escreveria nossa história caiu em mãos europeias e a Amazônia revelada teve sua identidade forjada a partir de relatos de cronistas, naturalistas e outros navegantes. Alguns destes escritores relataram suas experiências em nossas terras sob a ótica da superioridade, da misoginia e do preconceito.

Desde a chegada dos europeus à Amazônia até os dias atuais, a história da mulher amazônida foi marcada pelo preconceito e pela violência, mas também por lutas e vitórias. No decorrer dos séculos, essa mulher apareceu em diversos relatos – científicos, religiosos e literários. O recorte histórico de todo esse

período é muito extenso e a presença da mulher, muito marcante. Portanto, o presente artigo abordará de forma objetiva o feminino nos pontos de vista de religiosos e pesquisadores, entre os séculos XVI e XX.

A história da nossa região é formada não apenas pela história do homem e da mulher nativos, mas também pela história de povos que migraram para a Amazônia e que, uma vez aqui, contribuíram e ainda contribuem com seu trabalho, conhecimento e cultura para formar o arcabouço socioeconômico e cultural que possuímos hoje. No decorrer dos séculos, a Amazônia serviu como lugar de refúgio e recomeço para diversas hordas que se embrenharam entre seus rios, suas matas e suas gentes.

Diferente da mulher amazônida, as mulheres da etnia indígena venezuelana Warao vêm de outro país, em sua maioria acompanhadas por seu núcleo familiar. Seus inimigos não são homens brancos, vestidos e barbados: suas adversidades envolvem a perda de seu território, a migração forçada, as doenças e a fome. A vida dessa etnia, os motivos que os fizeram deixar sua comunidade, o processo de migração e sua fixação em Manaus serão aqui analisadas, favorecendo a perspectiva do gênero.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 DAS AMAZONAS ÀS TRABALHADORAS DA ZONA FRANCA DE MANAUS

O conhecimento sobre a mulher amazônida é mais escasso do que de outros sujeitos. A visão dos visitantes europeus era amplamente influenciada pelo patriarcado e “[...] em suas experiências etnocêntrica e cristianizada, a respeito do Novo Mundo [...]” (ALMEIDA, 2013, p. 68). As mulheres foram atingidas tanto pela invisibilização dos povos indígenas quanto pela construção do esquecimento do gênero feminino na historiografia tradicional – cujo resultado foram informações escassas e estereotipadas (JÚLIO, 2016).

O nascimento da Amazônia, sob o aspecto do gênero, é marcado pelo relato do frei Gaspar de Carvajal quando descreveu seu encontro com as Icamiaba, no século XVI. Ele havia se tornado cronista da expedição espanhola

de Francisco de Orellana e Gonzalo Pizarro, que partiu de Quito, no Peru, em 1541 e atingiu o delta do rio Amazonas, em 1542. “O discurso do frei é marcado por aventuras, perigos, batalhas, mortes. É um aventureiro junto a Orellana e Pizarro que vai desvendando um lugar até então desconhecido” (ROSÁRIO; ROSÁRIO, 2018). Além dos relatos acerca da natureza e das populações que viviam nessa região, o frei narrou com riqueza de detalhes o encontro com as Icamiaba: mulheres belicosas e destemidas, bem como a incompreensível derrota dessas frente a um grupo numericamente inferior e comprovadamente faminto e cansado.

Independente dos exageros acerca do relato desse encontro, as ideias centrais do discurso de Carvajal refletem o pensamento do homem ainda medieval e fortemente religioso: o feminino continua atrelado às ideias de fragilidade, inferioridade e submissão. Sobre a criação do imaginário europeu acerca da Amazônia, Torres (2008, p. 2) afirma que “interpretações específicas e particularizadas, diversas e plurais, fictícias e metaforizadas, compõem o quadro de uma região inventada ou recriada”. Portanto, nossa identidade foi determinada a partir do estereótipo europeu (TORRES, 2005).

No século XVIII, confirmando a marcante presença de escritores eclesiásticos na constituição das primeiras imagens da Amazônia, temos os escritos do padre João Daniel, um jesuíta português que viveu no estado do Maranhão e Grão-Pará entre os anos de 1741 e 1757. Deportado e mandado para a prisão, dedicou os últimos anos de sua vida a redigir memórias e reflexões sobre o período em que viveu na Amazônia. Seus relatos são uma denúncia da brutalidade com que os europeus tratavam os indígenas.

A mulher que surge de suas páginas é digna de elogios diversos: “E algumas fêmeas há que, além de suas feições finíssimas, tem os olhos verdes, e outras azuis, com uma esperteza e viveza tão engraçada, que pode ombrear com as mais escolhidas brancas” (DANIEL, 2004, p. 265). Em seus relatos, é possível notar a dicotomia entre a mulher valorizada e com lugar de respeito e destaque em sua comunidade; e uma vítima de estupro por parte dos homens brancos, designando de “brutal a lascívia e monstruosa a desenvoltura” com que se davam tais acometimentos (IBIDEM, p. 263).

Quanto ao respeito recebido, o padre relata que “as mais velhas são tão veneradas pelos demais que chegam a ser consideradas oráculos e evangelhos, as quais os mais novos obedecem” (IBIDEM, p. 269). Ao vivenciar o cotidiano desses povos, narra alguns “abusos” cometidos pelos próprios homens indígenas: desde a tradição masculina de permanecer na cama por dias, ao mesmo tempo em que a mulher, que acabou de ter um bebê, não tem resguardo; assim como os rituais que acompanham a menarca das filhas, marcado por jejum, silêncio e isolamento.

O jesuíta também trata a nudez indígena como um vício e a atribui a vários aspectos, como os efeitos do clima, a má influência de outros habitantes da aldeia, a falta de leis e, mais genericamente, a “natureza corrupta” dos indígenas (IBIDEM, p. 282). Assim, convencionou-se que a mulher traz o pecado encravado na sua essência. O padre critica as nações que possuem o hábito de oferecer as filhas aos visitantes ou parceiros de negócios, assim como exalta as nações que não possuem esse hábito, antes “criam as filhas com resguardo, de sorte que em chegando a ser casaduras as metem em uma casa, como seminário, ou recolhimento, donde não as deixam sair, senão quando casam” (IBIDEM, p. 282).

De forma geral, João Daniel condenou alguns vícios dos povos indígenas que viviam na Amazônia do século XVIII, ao mesmo tempo que ao tratar sobre a mulher, exaltou sua beleza, sua organização, seu trabalho na comunidade e o respeito recebido. Foi um crítico dos maus-tratos sofridos por elas, condenando a violência, o adultério, a aplicação de penas mais duras para mulheres e o estupro. Segundo Arenz; Gaia (2019), a figura da mulher foi associada pela mentalidade europeia medieval e moderna ao pecado e à irracionalidade, sendo demonizada não somente pelo clero, mas também pela sociedade em geral.

No século XIX, a mulher amazônica foi observada pela primeira vez através dos olhos de outra mulher: Elizabeth Agassiz que, juntamente com seu marido, Louis Agassiz e outras pessoas, veio ao Brasil em uma expedição científica - a expedição Thayer - entre os anos de 1865 e 1866. Em seus relatos, escritos a duas mãos, há descrições da fauna e da flora brasileiras, o modo de viver das populações com as quais tiveram contato, informações sobre clima e as acomodações. Além disso, há o olhar diferenciado que Elizabeth dispensou às mulheres.

Elizabeth exaltou sua beleza: “quaisquer dessas mulheres são bem bonitas” (AGASSIZ, 2000, p. 222), além da sabedoria, da responsabilidade no trato com a família, bem como sua habilidade em preparar alimentos. Também elogia a disposição para o trabalho, apesar do clima: “Nessa terra tão quente, seria de supor que as mulheres fossem indolentes e moles [...], porém, [...], são às vezes muito enérgicas; metem mãos ao remo e à rede tão valentemente como o próprio homem” (IBIDEM, p. 228).

Elizabeth destaca ainda a presença de sua empregada Alexandrina, fruto da mestiçagem brasileira e exalta suas qualidades tanto domésticas quanto científicas (IBID., p. 230). Apesar das passagens que possuem um preconceito desmedido para com os povos do Novo Mundo, os escritos desse casal trazem à tona a presença da mulher amazônida trabalhadora, responsável, dinâmica e livre: “Apesar de tudo, a vida dessas índias me parece invejável quando a comparo com as mulheres brasileiras nas pequenas cidades e vilas do Amazonas. A índia [...] vai e vem livremente; [...]; tem finalmente seus dias de festa para alegrar sua vida de trabalho” (IBIDEM, p. 260).

Com o passar dos anos, a vida da mulher amazônida permaneceu restrita ao espaço doméstico, sem direito à educação ou trabalho formal, sujeita às vontades de seus pais e depois de seus maridos, com participação social e política praticamente nulas. Após um período de pujança, devido ao ciclo da borracha, ocorrido entre o final do século XIX e início do século XX, a cidade de Manaus passou por um período de diversificação em sua economia. Assim, a partir de meados do século XX, a capital amazonense sediaria o maior polo industrial da região norte: a Zona Franca de Manaus, integrando-se ao capitalismo internacional (TORRES, 2005), o que favoreceria mudanças na dinâmica familiar amazonense.

A força de trabalho priorizada pelo capitalismo internacional em solo manauara era aquela vinda do interior do estado. Quase como um ritual de passagem trabalhista em Manaus nas décadas de 1970, “ao chegar à cidade de Manaus, muitas adolescentes do sexo feminino vão trabalhar como empregadas domésticas antes de ingressar no trabalho industrial” (IBIDEM, p. 118). Muitas foram as que deixaram o espaço privado para viver no espaço público. No ambiente fabril, a mulher amazônida foi testada: considerada mão de obra

“subserviente, barata, desqualificada e alienada” (IBIDEM, p. 131), ela enfrentou ainda, no decorrer das décadas, a alcunha de despolitizada.

Seu corpo operário foi moldado e adestrado, já que era “mais delicada, mais tranquila, e não se irritava com facilidade” (IBIDEM, p. 153). Muitas vezes era lançada sem treinamento prévio nas linhas de montagem, onde recebia menos que o homem e sofria assédio. Durante seus turnos, teve que conviver com violência psíquica, subordinação, opressão e humilhação. Aprendeu a encobrir sua sexualidade, sua gravidez e suas doenças com o silêncio. Sofreu tentativa de esterilização. Quando engravidava, abortava nos banheiros da fábrica e logo em seguida voltava para a linha de produção, por medo de perder o emprego (IBIDEM).

Após alguns anos, começou a participar do processo de construção de sua cidadania: (panfletou e distribuiu jornais); reuniu-se em assembleias (como o 1º Encontro da Mulher Operária de Manaus, em 1985); sindicalizou-se (também na década de 1980), participou de greves (entre 1985 e 1987) e destacou-se por ser mais ativa e competente. No local onde julgava que acharia apoio - o sindicato - sofreu preconceito étnico e de gênero, descobrindo um universo machista de opressão. Foi cooptada sexualmente pela diretoria do sindicato; era proibida de participar das principais negociações. Muitas que optaram pela vida política em vez da família se arrependem (IBIDEM).

Como frutos dessas lutas, a trabalhadora amazonense dos dias atuais tem direitos, dentre outros, à greve, estabilidade, licença maternidade e creche para seus filhos. Tais direitos são o resultado da luta de muitas mulheres, que combateram, a seu modo, a violência, a xenofobia, a opressão e o machismo. É importante reforçar que nenhuma mulher deve ser reduzida a rótulos e estereótipos. Sua história, suas lutas e suas conquistas merecem ser contadas de maneira respeitosa e fidedigna.

2.2 A MULHER DA ETNIA INDÍGENA VENEZUELANA WARAO

A história da Amazônia atual é resultado das histórias e contribuições dos povos que aqui viviam e de outros povos que buscaram em terras amazônicas uma chance para recomeçar, sejam motivados por questões sociais, econômicas

ou políticas. Dentre os povos que escolheram a Amazônia para recomeçar, estão os venezuelanos. E dentro desse grupo, há a etnia indígena Warao. Essa etnia que hoje vive em Manaus é proveniente, em sua maioria, das terras próximas ao delta do rio Orinoco, no estado do Delta Amacuro, no nordeste da Venezuela. Seu povo habita essa região há aproximadamente oito mil anos (BOTELHO; RAMOS; TARRAGÓ, 2017).

Eles se autodefinem como Warao, etnônimo comumente atribuído à expressão Wa Arao (“povo das canoas” ou “navegantes”), referência aos habitantes do litoral caribenho tidos como hábeis canoeiros e pescadores (GASSÓN; HEINEN, 2012). Quanto à organização social, os Warao costumam formar “unidades endogâmicas, com estrutura social relativamente igualitária, sendo a liderança em cada comunidade exercida pelo mais velho, um Aidamo” (IBIDEM, p. 13)

Nas comunidades Warao, há a divisão de tarefas de acordo com a idade e o sexo e a mulher Warao participa ativamente de todos os aspectos da cultura de seu povo. A ela não são destinadas “apenas” as tarefas domésticas e seu mundo vai além da casa em que vive com seu núcleo familiar. As mulheres da comunidade são responsáveis pelo cultivo, coleta e preparação dos alimentos, fabricação de redes e cestas, além dos cuidados com os filhos pequenos e com os doentes. Já os homens constroem as casas e as canoas, preparam os terrenos para a agricultura, caçam e pescam (LAFÉE; WILBERT, 2001).

A partir da década de 1960, várias obras do governo nacional venezuelano e surtos de doenças causaram migrações para os centros urbanos da Venezuela e posteriormente, um verdadeiro êxodo para vários países vizinhos, sobretudo o Brasil. Ao cruzar a fronteira e ficar pouco tempo no estado de Roraima, em 2016 começaram a chegar a Manaus em grande número. Junto com seu núcleo familiar, essa mulher teve que se acostumar a novos lugares e novos usos para seu corpo, como a prática da prostituição e da mendicância (LAFÉE; WILBERT, 2008).

Meu primeiro contato com a cultura Warao foi no ano de 2017. Após observar o aumento do número de pessoas vivendo nas imediações do terminal rodoviário - na zona Centro-Oeste de Manaus - e embaixo do viaduto de Flores, decidi submeter uma proposta junto à FAPEAM, no Programa Ciência na Escola,

cujo tema seria o povo Warao e os arranjos feitos pelas autoridades manauaras para recebê-los. O projeto foi aceito e, no segundo semestre de 2017, meus alunos-pesquisadores e eu fizemos visitas mensais ao abrigo que havia sido adaptado para receber apenas essa etnia: o Centro de Acolhimento para Adultos e Famílias, localizado no bairro do Coroado, na zona Leste de Manaus.

Durante essas visitas mensais, pudemos notar alguns aspectos da cultura Warao que pareciam estar se “perdendo”: as crianças sentiam falta dos rios e reclamavam muito do calor manauara; os adultos estavam tendo dificuldades em lidar com a alimentação (apesar dos esforços por parte da Instituição em oferecer-lhes a comida mais parecida com a de sua terra natal); a questão da língua só não era um impedimento maior porque havia uma intérprete; não havia espaço para as famílias ficarem juntas, como em sua terra natal, dentre outras situações. Nesses espaços, as mulheres, de maneira adaptada, cozinhavam, lavavam e cuidavam de suas roupas, ensinavam a cultura aos filhos, costuravam e faziam artesanatos.

Durante uma visita, tivemos a oportunidade de acompanhar as mulheres Warao confeccionando artesanato, sentadas no chão, de modo bem rudimentar e com materiais bem distintos dos que estavam acostumadas na Venezuela. Mas isso não diminuiu o entusiasmo e a vontade delas de nos explicar (usando mais gestos do que a própria linguagem oral) o que estava sendo feito e o que representava para elas. Faziam pulseiras, colares, brincos, flâmulas... tudo com miçangas, agulhas e linhas. Há coisas que não precisam ser ditas, apenas notadas na expressão de uma pessoa. Notava-se a importância daquele ritual de criação para elas: protagonismo feminino, alternativa de renda e continuidade da cultura.

Atualmente, há uma dicotomia em relação à situação Warao em Manaus: existe um grupo que foi encaminhado para um novo abrigo localizado em um sítio no bairro Tarumã-Açu, na zona Oeste da cidade, em julho de 2020, devido ao risco de contágio pela Covid-19 (01). E há um segundo grupo – que não conseguiram vaga nos abrigos ou não se adaptaram às regras dos mesmos – e moram em locais abandonados ou em casas alugadas.

Meu encontro seguinte com essas mulheres Warao foi, na verdade, com a obra produzida pela mulher dessa etnia: em comemoração ao 352º aniversário

da cidade de Manaus, a Prefeitura realizou, entre 23 de setembro e 25 de outubro de 2021, a primeira Mostra de Arte Indígena de Manaus, intitulada “Meu povo”. Tal mostra era constituída por variados estilos de arte produzidos pelas culturas Mura, Kokama, Dessana, Tukano, Tuyuka e Warao. Durante minha visita à exposição, consegui contato da artista Warao em questão: Otília Malalu.

Ela é uma senhora de 62 anos, que nasceu em Tucupita, no estado do Delta Amacuro, na Venezuela. Casou-se aos vinte anos e tem cinco filhos: dois homens e três mulheres. Nunca estudou, embora houvesse uma escola e uma igreja católica próximas à sua comunidade. Aprendeu com sua mãe, ainda na idade de sete anos, a semear, pescar e cozinhar.

É uma pessoa de sorriso tímido e pele escura, de peso e estatura medianos. Seus curtos cabelos pretos e grisalhos estão presos e ela conversa na língua espanhola. Otília relatou que mora no bairro Cidade de Deus, na zona Leste da cidade. A casa em que vive é alugada e possui dois cômodos (cozinha e um quarto). Nessa casa, ela mora com outras seis pessoas. Como seu grupo familiar em Manaus é composto por dezenas de pessoas, eles moram em três casas alugadas, no mesmo bairro.

Otília me mostrou as poucas peças artesanais de que ainda dispunha: pequenos cestos que são feitos em um dia, os quais ela vende pelo valor de R\$ 25,00. A tradição de fazer artesanato ela herdou de sua avó, conhecimento que hoje se revela muito útil, já que é a única fonte de renda de que dispõe. Contou, ainda, que passou esses saberes às filhas e às netas. Reforçou que sempre gostou de trabalhar para ter suas coisas e que não gosta de depender de outras pessoas.

Otília relata que nunca esperou que seu marido providenciasse sozinho o sustento da família: pegava a canoa, pescava e vendia esse pescado, assim como os artesanatos que confeccionava, nas feiras de Tucupita. Com o dinheiro arrecadado, comprava itens que não havia em seu *caño*, como sal e açúcar. Resume sua vida adulta aos cuidados com o marido, os filhos, os pais, a casa e a luta diária para sobreviver.

Ela afirma que o motivo da saída de sua pátria foi o falecimento de um de seus netos, a quem ajudou a criar e por quem “tinha muito apreço”. A criança tinha cerca de oito anos, quando adoeceu de “doença de branco” e, ao ser levada

à cidade mais próxima que possuía atendimento médico, foi negligenciada e faleceu. Quando outro membro de sua família adoeceu e quase faleceu, decidiram em família que seria melhor buscar outro local para viver. A capital Caracas, com problemas econômicos, políticos e sociais, não foi uma opção.

Inicialmente, uma de suas filhas, acompanhada de outros três membros da família, saíram do delta em 2019 e fizeram a maior parte do caminho a pé ou pedindo carona, até chegar à cidade venezuelana de Santa Elena do Uairén, que faz fronteira com Boa Vista, no estado brasileiro de Roraima, onde ficaram em abrigos, até decidirem vir para Manaus, uma vez que nenhum membro do grupo conseguiu emprego. Aqui, viveram na rodoviária e após um tempo, conseguiram alugar uma pequena casa no bairro Alfredo Nascimento, na zona leste da capital amazonense. Otilia fez o mesmo percurso, ainda em 2019, e enfrentou os mesmos desafios, trazendo outra parte de sua família.

O bebê de oito meses – o primeiro da família a nascer em solo brasileiro – é alimentado com uma mistura de leite com arroz, batidos no liquidificador (não há dinheiro para comprar fórmula). O restante da família come o que as pessoas doam, além do que conseguem comprar com o pouco dinheiro que arrecadam fazendo artesanato ou através da prática da mendicância. Ela lamenta que tenha que sair de porta em porta pedindo ajuda e reforça que gostaria de trabalhar para ajudar no sustento da família, como sempre fez.

Em solo manauara, explica que teve algumas poucas oportunidades de praticar sua cultura: apenas nos eventos que promovem a cultura indígena ou celebram o dia do imigrante, ela cantou e dançou. Ela disse que seus netos compreendem a língua Warao, mas não falam. Danças, canções e crenças são repassadas de forma discreta (infelizmente as necessidades do cotidiano relegaram esses aspectos a segundo plano). Também lamentou que quando as meninas menstruam pela primeira vez, não há o resguardo que havia em sua antiga comunidade: isolamento e aprendizado.

Em linhas gerais, são notáveis as deficiências na vida dessa mulher: faltam-lhe um lar decente (ou um abrigo decente), uma oportunidade de trabalho, o respeito pela sua pessoa, pelos seus conhecimentos, pela sua cultura. E independentemente de serem indígenas ou miscigenadas, nativas ou imigrantes,

operárias ou artesãs, elas só precisam de respeito, pois “as mulheres desejam apenas ser donas de suas vidas” (TORRES, 2005, p. 283).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Amazônia foi narrada por europeus durante muito tempo. Eles vieram para nosso território em busca de riquezas e poder e ao ter contato com os povos que aqui viviam, a ambição, a violência e o extermínio tornaram-se recorrentes. Além das riquezas, um aspecto foi surrupiado desses povos: o direito de contar sua história. Coube a navegadores, comerciantes e religiosos dar identidade aos povos que aqui já viviam.

A imagem da mulher amazônica, escrita através do olhar androcêntrico, etnocêntrico e misógino, talvez tenha sido a mais deturpada. É interessante notar que sempre há uma dicotomia envolvendo a imagem da mulher e que os aspectos negativos são superestimados em detrimento dos aspectos positivos: foi mulher guerreira e ao mesmo tempo derrotada (Carvajal); trabalhadora, mas também propensa à natureza corrupta do sexo livre (João Daniel). Sob o olhar de Elizabeth Agassiz foi revelada como trabalhadora, organizada, responsável e livre.

Na fase mais recente da história do Amazonas, a trajetória da trabalhadora da Zona Franca de Manaus foi mostrada com imparcialidade por Iraildes Torres: a mulher tímida e retraída do interior veio trabalhar na capital, superou dificuldades nos aspectos físico, psíquico e sexual, se especializou, lutou e

deixou um legado de direitos e respeito conquistados para as gerações seguintes. Atualmente, outras histórias estão acontecendo e suas protagonistas são mulheres indígenas, imigrantes e guerreiras.

A mulher Warao que hoje vive em Manaus já compõe a história da capital amazonense e é imperativo que essa história seja narrada de forma fidedigna, sem rótulos nem preconceitos, para evitar erros históricos, tais como reduzi-las a termos xenofóbicos, como índia, preguiçosa, invasora e perigosa. A história que ela está construindo, seus desafios, suas conquistas, suas contribuições e seu legado para as gerações Warao que já estão nascendo em solo manauara deve ser narrada de forma imparcial e responsável.

NOTAS EXPLICATIVAS

(01) - Agência da ONU para Refugiados. Novo abrigo aprimora acolhimento de refugiados e migrantes indígenas venezuelanos em Manaus. Manaus, AM. 16 de jul. de 2020. Disponível em Acesso em 01/11/2020.

(02) - *Caños* é o termo usado em referência aos afluentes que compõem o sistema deltaico do rio Orinoco. Os caños são citados para indicar a localização das comunidades, por exemplo, *caño* Winikina, *caño* Macareo, *caño* Manamo. Quando os indígenas dizem que viviam nos *caños*, significa que viviam na comunidade de origem, que está localizada junto a algum desses afluentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carlo Henrique Lopes de. **A vocação literária no pensamento historiográfico de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés**. 2013.160 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, UFG, 2013.

ARENZ, Karl Heinz; GAIA, Stefanie Leão. Mulheres indígenas em narrativas jesuíticas da Amazônia Portuguesa (séculos XVII-XVIII). **Habitus**. DOI 10.18224/hab. v17i2.7552 Goiânia, v. 17, n.2, p. 394-413, jul./dez. 2019.

AGASSIZ, Jean Louis Rodolph. **Viagem ao Brasil 1865-1866** / Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz; tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

BOTELHO, Emília; RAMOS, Luciana e TARRAGÓ; Eduardo. Parecer Técnico/SEAP/6ªCCR/PFDC nº208/2017, de 14 de março de 2017. **Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima**. Brasília: Ministério Público Federal/ Procuradoria Geral da República, 2017.

DANIEL, João. **Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas**, v. 01 - Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

GASSÓN, Rafael; HEINEN, Dieter. ¿Existe un Warao Genérico? Cuestiones clave en la etnografía y la ecología histórica del Delta del Orinoco y el Territorio Warao-Lokono-Paragoto. **Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**, v. 10, n. 1, p. 37-64, 2012.

JULIO, Suelen Siqueira. **O recorte de gênero na História Indígena: contribuições e reflexões**. Anais do XVII Encontro de História de Anpuh. 8 a 11 de agosto de 2016. Instituto Multidisciplinar, UFRRJ, Campos Nova Iguaçu.

LAFÉE, Cecilia Ayla; WILBERT, Werner. **Hijas de la luna: enculturación femenina entre los waraos**. Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología, 2001.

LAFÉE, Cecilia Ayla; WILBERT, Werner. **La Mujer Warao: De recolectora deltana recolectora urbana**. Instituto Caribe de Antropología y Sociología. Monografía nº51: Caracas, 2008.

ROSÁRIO, Jocenilda Pires de Sousa do; ROSÁRIO, Samuel Antonio Silva do. A cronística de Gaspar de Carvajal e a colonização da Amazônia. **Nova Revista Amazônica** - Volume VI - Número Especial – dezembro de 2018- ISSN: 2318-1346.

SILVA, Sidney da; TORELLY, Marcelo, organizadores. **Diagnóstico e avaliação da migração indígena da Venezuela para Manaus, Amazonas** / – Brasília: Organização Internacional para as Migrações (OIM), Agência das Nações Unidas para as Migrações, 2018.

TORRES, Iraildes Caldas. **As Novas Amazônidas**. Editora da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2005.

TORRES, Iraildes Caldas. **A Formação Social da Amazônia Sob a Perspectiva de Gênero**. Gênero, Amazônia, Formação Social. ST 19 - Intersecções entre gênero e sociodiversidade amazônica. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.